

## **O bolsonarismo e a cólera nas redes sociais: reflexão e crítica sobre a comunicação de submundo**

### **The bolsonarism and cholera on social networks: reflection and criticism on underworld communication**

### **El bolsonarismo y la cólera en las redes sociales: reflexión y crítica sobre la comunicación del inframundo**

**Renan Albuquerque\***  
**Rodrigo Vivar y Soler\*\***  
**Flávia Busarello\*\*\***  
**Jalna Gordiano\*\*\*\***

**Resumo:** Estudo de reflexão e crítica acerca do conceito de “comunicação de submundo” e suas implicações. Foi discutido em que medida a comunicação tem sido usada para forjar uma política ampliada de produção de ignorância (agnotologia) no Brasil, impulsionada por extremismos que flertam abertamente com o nazifascismo. Ponderações foram subdivididas acerca i) do que é e como funciona a comunicação de submundo; ii) dos impactos no âmbito da liberdade de expressão, da democratização das redes sociais e da ascensão do nazifascismo na contemporaneidade; iii) da comunicação de submundo enquanto ação para instabilidade democrática, tentativa do golpe e tutela militar da sociedade; e iv) quanto aos públicos mais propensos a serem cooptados pela comunicação de submundo. Concluímos que a comunicação de

---

\* Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia. Professor Associado da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: renanalbuquerque@hotmail.com.

\*\* Doutor em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharel em Psicologia pela UNESC Professor do curso de Psicologia da Fundação Universitária Regional de Blumenau (FURB). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemáticas e professor colaborador do Mestrado em Educação da FURB; E-mail: rsoler@furb.br.

\*\*\* Doutora e Mestre em Psicologia Social pela PUC/SP. Graduada em História e Psicologia pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: frbusarello@gmail.com.

\*\*\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade da Universidade Federal do Amazonas (PPGSS/Ufam). Bacharel em Serviço Social pelo Centro Universitário do Norte (Uninorte). Assistente Social da ORV Engenharia, E-mail: jalnagordiano14@gmail.com.



*This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY*

submundo possui intrínseca conexão por meio de redes sociais, cuja falta de regulamentação potencializa efeitos controversos do uso da internet para a agnotologia.

**Palavras-Chave:** Comunicação de submundo; Bolsonarismo; Redes sociais; Reflexão e crítica; Políticas públicas de comunicação.

**Abstract:** The paper describes reflection and criticism about the concept of “underworld communication” and implications. It discussed the extent to which communication has been used to forge an expanded policy of producing ignorance (agnotology) in Brazil, driven by political extremisms that openly flirt with nazifascism. Ponderations were subdivided about i) what is and how the underworld communication works; ii) impacts on freedom of expression, the democratization of social networks and the rise of contemporary nazi-fascism; iii) underworld communication as an action for democratic instability, attempted coup and military protection of society; and iv) regarding the audiences most likely to be co-opted by underworld communication. We conclude that underground communication has an intrinsic connection with audiences through social networks, whose lack of regulation enhances the controversial effects of using the internet for agnotology.

**Keywords:** Underworld communication; Bolsonarism; Social media; Reflection and criticism; Communication public policies.

**Resumen:** Estudio de reflexión y crítica sobre el concepto de “comunicación del inframundo” y sus implicaciones. Discutió hasta qué punto la comunicación ha sido utilizada para forjar una política ampliada de producción de ignorancia (agnotología) en Brasil, impulsada por extremismos que coquetean abiertamente con el nazi-fascismo. Se subdividieron las reflexiones sobre i) qué es y cómo funciona la comunicación del inframundo; ii) los impactos sobre la libertad de expresión, la democratización de las redes sociales y el ascenso del nazifascismo en la contemporaneidad; iii) de la comunicación clandestina como acción de inestabilidad democrática, intento de golpe de Estado y tutela militar de la sociedad; y iv) sobre las audiencias más susceptibles de ser cooptadas por la comunicación del inframundo. Concluimos que la comunicación tiene una conexión intrínseca a través de las redes sociales, cuya falta de regulación potencia los efectos controvertidos del uso de internet para la agnotología.

**Palabras clave:** Comunicación del inframundo; Bolsonarismo; Redes sociales; Reflexión y crítica; Políticas públicas de comunicación.

Recebido em 29/06/2023. Aceito em 11/12/2023

## INTRODUÇÃO

Estudo divulgado em setembro de 2022, às vésperas da votação de 1º turno para presidente do Brasil, apontava que 67% da população do país tinham medo de declarar voto em decorrência da violência engendrada na disputa político-partidária. Perto de 3,5% dos entrevistados destacavam ter sofrido agressão física ou psíquica no período e isso equivalia dizer que 3,8 milhões de eleitores já tinham sido ameaçados de algum modo. Concomitante, 21,7% dos respondentes aprovavam a violenta tomada de poder pelas Forças Armadas a partir de golpe de Estado e metade dessas pessoas afirmava não aceitar o resultado caso outro candidato, que não o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), vencesse o pleito (SADER et al., 2023).

O clima era de animosidade, sobretudo por conta de latentes e manifestos incentivos a crimes de ódio por parte de Bolsonaro e seguidores (STEINMETZ; ALBUQUERQUE, 2022), que de 2019 a 2022 potencializaram um modelo nacional de fomento a preconceitos, a funcionar por meio de arcações coléricos via redes sociais (DORIA, 2020; LÍSIAS, 2020; MELLO, 2020). Uma máquina incomum estava a impulsionar os setores militar, evangélico e do agronegócio, onde se situa a maior parte de eleitores da extrema direita (BAIRON, et al., 2021). Foi um período de aparelhamento de boa parcela dos poderes nacionais de polícia, o que cimentou sistemas de repressão a adversários políticos (EMPOLI, 2019).

De novembro de 2022 em diante, após o candidato à presidência pela coalizão brasileira de centro-esquerda e esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), sair vitorioso pela margem de votos mais apertada da história da redemocratização do Brasil, não cessaram questionamentos relacionados à seguridade social da nação (BRASIL, 2023). A união popular da direita e extrema direita, montada para as eleições de 2022, manteve-se a partir de ambíguo modelo de comunicação de massa. O modelo é conceituado neste *paper* como “comunicação de submundo” e partimos do suposto para analisar e discutir o nazifascismo no Brasil. Questionamos o uso da comunicação para forjar políticas de produção de ignorância (agnotologia) impulsionadas por apoiadores do agora candidato derrotado Jair Bolsonaro.

Nos tópicos que seguem, ponderações foram subdivididas acerca i) do que é e como funciona a comunicação de submundo; ii) dos efeitos no âmbito da liberdade de expressão, da democratização das redes sociais e da disseminação do nazifascismo; iii) da comunicação de submundo enquanto ação para instabilidade democrática, tentativa do golpe e tutela militar da sociedade; e iv) dos públicos propensos à cooptação por esse modelo comunicacional.

### Enfoque teórico

Durante a década de 1970, Foucault desenvolveu projeto sobre a história política da governamentalidade. Ele almejava analisar e estudar emergências e proveniências de governos que procediam via controle a condutas de populações. Os cursos *Segurança, território, população e Nascimento da biopolítica* (FOUCAULT, 2008, 2012) refletiram sobre modos como se formava, na sociedade ocidental, um estilo de poder, ou melhor, uma arte de governar, cujas experiências abordavam desde o poder pastoral, passando pela razão de Estado, até as primeiras formas de biopolítica. O projeto desdobrou-se até o presente por interpretações de Agamben (1995), Mbembe (2018) e Espósito (2006), entre demais.

A utilização na contemporaneidade do programa foucaultiano, referente à governamentalidade e biopolítica, orienta-se pela experiência de se perscrutar motivos pelos quais sociedades em franca virtualização da vida veem emergir dispositivos de controle porosos e sofisticados. Sobre

as problemáticas da governamentalidade e da biopolítica, abordadas por meio da comunicação de submundo no artigo, projetamos referências a olhares críticos. São reflexões promovidas sobre teias computacionais em cadeia e interligadas, de extensão global, fundamentadas por regimes de algoritmos (STEINMETZ; ALBUQUERQUE, 2022). Essas teias são conhecidas como “redes sociais”.

Pensamos ser um tipo de governamentalidade que dialoga com a biopolítica porque abrange desdobramentos de aplicação sistemática, a permitir a verificação de regimes de verdades interessadas em redes sociais. Governamentalidade e biopolítica, no caso, são esteios para a percepção de afetos espalhados mediante um conjunto de capilaridade alcançado por meio de plataformas de mídias de grande alcance (ALBUQUERQUE; ANDRADE; SANTOS, 2022). Acerca de tal condição, supomos:

[...] se nos processos político-discursivos a legitimidade, a história, a verdade, a justiça representam elementos mobilizadores, organizadores e hierarquizantes da ação, há uma esfera do contemporâneo transitando em outras características e estratégias. Não se trata de projetar uma ação política sem os universais da política moderna (representação, soberania, direito, Estado), mas de compreender uma política fundamentalmente exercida por meio de máquinas e dispositivos de controle das subjetivações combinados com lógicas de governo. As transformações engendradas pela produção de subjetividades não se apresentam como resultado apenas do conhecimento, da cultura ou da informação. Sua dimensão seria também afetiva e existencial. Com base nesta produção se propagariam discursos, saberes e funções político-tecnológicas (TELES, 2018, p. 430).

A perspectiva tenta provocar experiências para se entender formas de controle. É vertente que necessita atentar ao fato de que as primeiras décadas do século XXI no Brasil colocaram em evidência movimentos ondulatórios, pelos quais estratégias de governamentalidade e biopolítica, marcadas por algoritmos, impactaram processos de objetivação e subjetivação da existência na web e para além dela (ALBUQUERQUE et al., 2020a). São processos que tiveram como sintoma a ascensão e sustentação de grupos de extrema direita. Em nosso país, esses grupos estão ligados umbilicalmente ao bolsonarismo (ID., op. cit.).

A ligação, em termos nacionais, segundo a comunicação de submundo, dá-se em face de uma instrumentalização que opera jogos políticos de constituição de verdades interessadas, ou melhor, de múltiplas verdades interessadas, responsáveis por criminalização do pensamento crítico e desconstrução de pautas de grupos vulneráveis (população LGBTQIAPN+, negras, negros, indígenas e quilombolas, para ilustrarmos alguns exemplos) (ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2019).

A comunicação de submundo parece enredar-se, conceitualmente, no arco da constituição de campanhas que incentivam desinformação, contrainformação, rumores e boatos a se tornarem potentes instrumentos de governamentalidade e biopolítica para extremistas. É comunicação que produz afetos (SPINOZA, 2013) e estes geram instabilidades no tecido social brasileiro a partir de complexa dinâmica que mantém corpos imersos na servidão (SPINOZA, 2014). Diante do arcabouço teórico em tela, cremos que essa forma de comunicação, em suma, tem servido de instrumento para o nazifascismo.

## **Sobre o que supomos como nazifascismo: perspectivas biopolíticas e processos de subjetivação**

O nazifascismo pode ser considerado uma engenharia social que marca modos de se fazer política de cunho racista e totalitário. O modelo político emergiu a partir de desdobramentos da Primeira Guerra Mundial, os quais concorreram para que países derrotados (principalmente Itália e Alemanha) fossem assolados por crises sociais e econômicas, desembocando em políticas que geraram o aparecimento de programas de racialização contra judeus, ciganos, comunidade LGBTQ+ e latinos, por exemplo.

Segundo Humberto Eco (2018) esse modelo de política moldou o crescimento de extremismos por meio de ‘células’ partidárias, gerando a invenção de inimigos que se apresentavam como entraves a conquistas da civilização europeia. O cenário forjou caminhos controversos, que possibilitaram a ascensão, na época, da extrema direita europeia na política, criando nova ordem social e econômica no Velho Continente, afetando o contexto mundial, inclusive com a propagação em países ao redor do globo.

Na perspectiva de Ribeiro Junior (2005), o nazifascismo desde então possui características totalitaristas porque se usa de dispositivos biopolíticos conjuminados pelo ódio contra os diferentes. Elegem-se enfrentamentos reais contra inimigos fictícios. Com isso, dá-se o expansionismo militar, que consiste na propagação de discursos totalitários via fortes investidas por meio de planos agnotológicos, adequando a sociedade mediante costumes, métodos e conceitos xenófobos, racistas, misóginos e homofóbicos (Bader; Albuquerque; Busarello, 2023).

Aspecto que pode ser destacado acerca do nazifascismo são os preconceitos étnicos, religiosos e culturais contra povos tradicionais, originários e outras minorias. Soma-se a tais características a dinâmica de propaganda e censura, que se apresenta como vinculadora da durabilidade de regimes desse porte. É importante destacar a difusão propagandística como elemento que apresenta êxito no nazifascismo porque dissemina ideias extremistas, atraindo adeptos e influenciando decisões da sociedade. Compreendemos, assim, que a difusão política de ideias sequegacionistas e a censura têm papéis fundamentais nos regimes nazifascistas (ID., op. cit., 2005).

Segundo Stanley (2018), o nazifascismo na atualidade, como o entendemos no Brasil, principalmente com avanços ininterruptos da tecnologia e a modernidade *hi-tech* dos meios de comunicação de massa, tornou-se fortalecido pelo uso de redes sociais para divulgação e efetivação de programas da extrema direita, ou melhor, para regimes biopolíticos de apartação. Outra perspectiva é o forte negacionismo contra a ciência, além da difusão crescente de discursos de ódio. Negar a realidade e os fatos é marca desse modelo de retrocesso social, devendo ser combatido com veemência e ininterruptamente.

## **METODOLOGIA**

O estudo foi guiado pelas premissas que seguem: i) as redes sociais operam dentro da lógica de engajamento (*clickbait*) para a geração de receita financeira, independente da veracidade do que está a ser veiculado, ii) o que concorre para que temas do tipo sensacionalistas, lastreados por *fake news*, ganhem projeção e se potencializem entre visualizações e compartilhamentos, forjando ambiente propício para a operacionalização da comunicação de submundo.

A pesquisa foi qualitativa, de abordagem hermenêutica, mediada por garimpagem e coleta de dados em redes sociais. Procedemos à verificação de práticas comunicacionais de submundo a partir de análises de repercussões dentre a extrema direita de declarações agnotológicas do

ex-presidente Jair Bolsonaro. O destaque foi para conteúdos recebidos e repassados tendo por base motes de desinformação, contrainformação, rumores e boatos. Granjeamos a interpretação de rebatimentos e consequências dessa dinâmica.

Exploramos e descrevemos modos de ação e reação de públicos receptores e mantenedores de teias da comunicação de submundo, principalmente nas redes *facebook*, *discord*, *whatsapp* e *telegram* (mas também em *twitter*, *youtube*, *instagram*, *tiktok* e *google*), onde se espalham extremismos políticos na contemporaneidade. Realizamos avaliação de discursos bolsonaristas tendo em vista qualificar a comunicação da extrema direita segundo pressupostos definidos em: i) O que é e como funciona a comunicação de submundo; ii) Efeitos à liberdade de expressão, democratização de redes sociais e ascensão do nazifascismo; iii) Comunicação de submundo enquanto ação para instabilidade democrática, tentativa do golpe e tutela militar da sociedade; e iv) Públicos propensos à cooptação pela comunicação de submundo.

A amostra foi por conveniência, a partir de repercussão e significado em redes sociais de falas de Bolsonaro, líder da extrema direita no Brasil. Estudos de Steinmetz e Albuquerque (2022) igualmente avaliaram o tema. Recuperamos 200 declarações do então presidente, estas já classificadas como “falsas ou distorcidas” pelo sistema de verificação do site Aos Fatos (*fact-checking*), com atualização até 14/09/2022 (Aos Fatos, 2022). Todas foram feitas publicamente, entre 2021 e 2022, em coletivas de imprensa.

O procedimento de coleta seguiu plano de avaliação de ordem qualitativa, a partir de AC manual de Bardin (2006) e apoio conjuntural da sistemática de Erk (2009, 2010, 2017). No procedimento de análise, a repercussão de 200 falas foi verificada segundo frequência de emersão lexical e contabilizada por tendência semântica e potencial de viralização nas redes, conforme quantitativo de Unidades de Contexto Elementar (UCEs). Observamos a visibilidade de ocorrências e coocorrências relacionadas às falas, admitindo classificações por categorias com aporte de leituras de viés flutuante e inferencial. As declarações foram avaliadas segundo repercussão em *facebook*, *instagram* e *twitter* (x). Obtivemos média de 3,8 conjuntos de textualidades para cada declaração ou parte de declaração, com confirmação segundo critérios de literalidade, representatividade e desdobramento.

Importante notar que rebatimentos indiretos em *discord*, *whatsapp*, *telegram*, *youtube* e *tiktok* igualmente foram tomados em conta a partir de rastreamento e notações indiretas. A escolha de duas entre cinco redes de compartilhamento de vídeos/fotos/textos foi realizada por sorteio para cada grupo de dez declarações do ex-presidente. Assim, seguiu-se análise de repercussões para as falas falseadas. O estilo de escrita do tópico *Resultados e Discussão*, com seus subtópicos, foi mediado por interseção entre ensaio acadêmico e artigo científico. Assim, almejamos caminhar por um molde de linguagem menos formal, mas nem por isso menos rigoroso.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### O que é e como funciona a comunicação de submundo

A comunicação de submundo, instrumentalizada e definida a partir de desinformação, contrainformação, rumores e boatos, categorias popularmente aglutinadas na expressão *fake news*, perfaz-se mediante exercício que guarda em si um princípio: o do espalhamento multimidiático irrestrito, posto que tem a ver com movimentos e mudanças contínuos. É como o Paradoxo do Hotel Infinito, ou Hotel de Hilbert (BISHIR; DREWER, 1970; BLACK, 1966), a salientar que, apesar de estar sempre lotado, trata-se de lugar que nunca fica sem quartos vazios porque se criou, dentro

dele, volume tão grande de possibilidades de hospedagens que há métodos diferentes de recriação e remodelação de quartos. Vale dizer que o infinito a que me refiro diz respeito a algo fechado em moto-contínuo, a alimentar a si mesmo. Como esfera monumental, a girar e reproduzir-se indefinidamente. Descrevemos a seguir exemplo, na tentativa de entendimento. Senão, vejamos.

Todos recordam da praça pública da Grégia Antiga, a ágora. Esta, no século XXI, é a internet, onde se dão relações da comunicação de submundo. Na nossa ágora pós-moderna, em semelhança, o convencimento de pessoas por manipulação é feito mediante robôs e algoritmos, disparando-se milhares de mensagens a públicos multidiversos, sem intervalos, em tempo real e em planos globais. Isso mostrou eficácia no Brexit, do Reino Unido, em seguida na eleição de Trump nos EUA, em 2016, e ainda nas eleições presidenciais de 2018 e 2022 no Brasil. Em todas as situações, o modelo foi o mesmo, de dispersão viral em redes. Mas os disparos virtuais em massa, historicamente, não pararam por aí.

Em milhares de situações em nível nacional, factoides (informação falsa ou forjada) e *memes* (ideia ou audiovisual com teor humorístico) continuam a ser refeitos e reconformados para disparos virtuais em bloco, assim como no Hotel Infinito, onde quartos são recriados e remodelados indefinidamente. Factoides e *memes* são montados quando eventos servem de muitas formas a um mesmo fim, o viral, ainda que fora de contexto ou sentido. O mecanismo aponta para uma não finitude de possibilidades porque, assim como no paradoxo do Hotel Infinito, a processualidade da comunicação de submundo não se importa com factualidades, lógica, entendimentos ou verdade. O que vale é a propagação. E só ela.

No Brasil, existe grande maquinaria que realiza financiamentos coletivos para a difusão da comunicação de submundo, sendo fortalecida por megaempresários e rentistas desde 2018 (CARTA CAPITAL, 2022), quando se percebeu que domínios da internet ordinária (*world wide web*) e da internet profunda (*deep web* e *dark web*) eram gigantescos, sobremaneira no que tange às redes sociais. Esses universos da *web* sustentam estrutura onde o debate da extrema direita acontece (BARRETO FILHO; BORGES, 2022). Assim, por mais importante que sejam concentrações informacionais que tratem do valor do diálogo *tête-à-tête*, existe fenomenal potência simbólica a ser compreendida por todos no que tange às redes sociais.

Na contemporaneidade, a batalha por influência é tão ou mais decisiva quanto a travada por canais históricos de comunicação *broadcasting* (grande mídia), dado que o modelo de negócios da internet enfatiza e monetiza engajamentos (SILVA; CARVALHO, 2022). É o *clickbait* (uso de títulos sensacionalistas para gerar mais cliques no conteúdo), que muito interessa à comunicação de submundo, um meio alimentado por tempestades semióticas de desarranjo, não limitado por ética e razoabilidade (VASCONCELLOS-SILVA; CASTIEL, 2022). Essa comunicação se apresenta como epidemia global porque é fruto de modelo mercadológico defensor de reconfiguração de poderes em nova ordem planetária. Para a extrema direita e o capitalismo de plataforma, tomadores de decisão por algoritmos, o caos é “cenário de oportunidade” para *clickbait* — para repetirmos esse termo mercadológico.

Outra problemática identificada a partir de nossos levantamentos é a da utilização incipiente de tecnologias digitais, não raro tomadas *per se* como instrumentos que não necessitam de saberes para eficiente manejo. Todavia, a falta de familiaridade de sociedades globais em relação a *gadgets* e adjacentes aponta riscos à navegação em redes sociais (VOSOUGHI; ROY; ARAL, 2018). Dessa maneira, na prática o que pretendemos salientar é que a plataformação do cotidiano humano não habilita automaticamente ou necessariamente pessoas a entenderem sobre arenas agnotológicas onde transitam virtualmente (BLUMER, 1978; DEBORD, 1991).

O pluralismo e a popularização de instrumentais de acesso à internet não ativam de forma automática capacidades de conscientização, como se podia supor. Pelo contrário, dados da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)<sup>1</sup> mostram que bilhões de indivíduos no mundo são incapazes de compreender ambiguidades entre fatos ou factoides, audiovisuais verídicos ou *memes*, impactando no discernimento entre conteúdos reais ou inventados, verdades ou mentiras (BORGES, 2017).

Outro estudo divulgado pelo Instituto Ipsos, este direcionado ao Brasil, sublinha que entre a população nacional 62% já acreditaram e repassaram informações falsas ao menos uma vez de 2021 até agora, percentual mais alto entre países avaliados pelo levantamento<sup>2</sup>. A circunstância sugere corrosão em conjunturas éticas de compartilhamento de dados em ambientes cibernéticos, com consequências concorrentes ao rebaixamento de linguagens e saberes constituídos.

### **Efeitos à liberdade de expressão, democratização de redes sociais e disseminação do nazifascismo**

Os dados indicaram ainda que discorrer sobre liberdade de expressão é, ao mesmo tempo, explicitar sobre democratização de redes sociais e nazifascismo, pois estes são dois dos cases de maior sucesso do século XXI. Para quaisquer dos caminhos pelos quais sociedades globais tendem a projetar o futuro, tanto o tema da democratização das redes quanto do espalhamento do nazifascismo são enunciados como problemas. E o são porque funcionam segundo ideias e práticas com efeitos opostos aos que se propõem. Ou seja, utilizam-se do panorama da liberdade de expressão para tomar de assalto o Estado Democrático de Direito.

O nazifascismo mostra-se na atualidade como linha política contracorrente, aceita e defendida em nome da liberdade de expressão. E vem assolando muitas nações, entre elas EUA, Brasil, Itália, Polônia, Hungria, Ucrânia e mais recentemente a Argentina. Tomando a sequência de importância entre países, o território brasileiro foi o segundo mais impingido dos últimos anos. O nazifascismo contemporâneo, para ser marca de sucesso e vigorar, usou estratégias da comunicação de submundo. Esse tipo de comunicação se serviu i) do falseamento de sua propaganda e ii) do colonialismo das suas relações públicas.

No que concerne ao falseamento da propaganda, chamamos atenção ao fato de que não se viu até o momento a expressão “nazifascismo” mencionada como *slogan* oficial de partidos, governos ou para motivações de bandeiras no Brasil, incluindo-se período de eleições disputadas por Bolsonaro e apoiadores. Foi assim também nos EUA durante o mandato de Trump (ARAÚJO, 2023). Mesmo de tal maneira, sem alardear crenças extremistas, eclipsando interesses, modos nazifascistas de presidir dessas duas lideranças políticas citadas se entranharam nas redes sociais e em programas jornalísticos do tipo *hardnews*, fazendo muito estrago. Interessa salientar, sobre isso, que redes sociais e *hardnews* representam perto de 85% da informação consumida no país. Outros 15% são fatiados entre a comunicação de engajamento progressista. Então, o ato de agir a partir do falseamento de propaganda permite que nazifascistas forcem limites éticos e ataquem a democracia.

<sup>1</sup> *Leitores do Século 21 - Desenvolvendo Habilidades de Alfabetização em um Mundo Digital*. Mais informações em <https://educamidia.org.br/por-que-os-jovens-nao-sabem-diferenciar-fatos-de-opiniao>.

<sup>2</sup> Disponível no endereço <https://www.terra.com.br/noticias/dino/brasil-e-o-pais-que-mais-acredita-em-fake-news-no-mundo,acbdcc78a0351201bafd2285942a0b1ehpqxx.html>.

Vimos que, quanto ao colonialismo das relações públicas, é ação que viabiliza planos governamentais comunicados pelo nazifascismo por meio de pautas morais ancoradas a i) Deus, pátria, família e liberdade, ii) pela sanha armamentista e iii) via destruição socioambiental e socio-sanitária em razão do lucro (ALBUQUERQUE et al., 2020b). São três frentes de luta da extrema direita. Elas alcançam sucesso porque marcam sentimentos de dominação do outro por poder simbólico (FANJUL, 2021). O colonialismo das relações públicas incide sobre mentes e corpos para impor o supremacismo àqueles que se mostram divergentes a seus interesses. É atividade que remete ao passado de violências pós-conquista cometidas contra povos originários e negros na história do Brasil.

O levantamento nos remete ao fato de que tanto o falseamento de propaganda quanto o colonialismo das relações públicas são realizações da comunicação de submundo para influenciar a sociedade brasileira em suas cinco prioritárias esferas: morte, vida, identidade, isolamento e liberdade. Chomsky (2013) chamou atenção sobre o sucesso do nazifascismo mundial em razão de seus disfarces de liberdade de expressão ao analisar o Brasil. Ele o fez depois da terceira eleição de Lula, vitorioso após seis anos de governos antidemocráticos. Chomsky, professor emérito do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), disse: “Lula terá de lidar pelo menos com dois grandes desafios até o fim do mandato. Os problemas maiores são a elite rica do país e a questão das enormes pressões sobre a Amazônia” (cf. CHADE, p/única, 2023).

Considerando o ressaltado sobre o nazifascismo travestido de liberdade de expressão, compreendemos que a nação brasileira terá de trabalhar para sanar um embaraço profundo, o fato de ricos, via de regra, demonstrarem pouco compromisso e respeito com a sociedade pobre em geral e com o maior bioma florestal do mundo (MAGALHÃES; JUNQUEIRA, 2023), flertando ainda com extremismos políticos por meio da comunicação de submundo (PRAZERES, 2022; LIMA, 2023). Vejamos, por exemplo, um tipo operante de comunicação de submundo feita pela elite hegemônica do país, a acontecer dentro do Banco Central (BC) na atualidade, até mesmo porque o BC mostra-se, hoje, como versão higienizada do que foram as Forças Armadas (FFAA) de 2019 a 2022, na gestão Bolsonaro. O BC faz uma comunicação umbilical, dialogando de si para consigo (MOTORYN, 2022).

A cúpula da direção do Banco Central e o atual presidente do BC, Roberto Campos Neto, indicado por Jair Bolsonaro, não raro assumem como desimportante o fato de 75% dos 202 milhões de brasileiros estarem na pobreza ou extrema pobreza, mantendo a taxa de juros (Selic) em patamar acima de 13,5% até o fim do primeiro semestre de 2023. Ela só foi reduzida em 1,5% nas três reuniões consecutivas, indo para 12,25% ao fim do ano passado. Além disso, “a Revista Piauí revelou a colaboração de Campos Neto com a campanha de reeleição de Bolsonaro. Ele utilizou modelos matemáticos da instituição para informar o ex-presidente de suas perspectivas eleitorais” (Brasil, 2023, p/única).

A exemplificação sugere o quanto uma decisão unilateral do BC deixa de passar pelo crivo da sociedade civil (MATOS, 2023) e é encaminhada apenas a partir do viés da comunicação de submundo<sup>3</sup>, sendo adornada pela grande mídia como algo bom e desejável à população — mesmo que, na época, perto de 33 milhões de brasileiros estivessem sobrevivendo na indigência (em pobreza extrema) e outros 105 milhões conseguissem mensalmente somente o mínimo para se manter (em situação de pobreza). A mesma grande mídia, sem restrições e com convicção, foi

---

<sup>3</sup> Comunicação de submundo não é algo apenas escuso. Ela pode sim se mostrar uma ação legalizada, mas nem por isso deixa de ser excludente e unidirecional.

acrítica quanto ao Golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff (PT) e sobre a prisão de Lula em 2018<sup>4</sup>.

O nazifascismo, porquanto, confunde-se com a noção de liberdade de expressão quando instrumentais midiáticos são usados em situações irrestritas, em movimentos comunicacionais latentes ou manifestos para atos autocráticos. Essa utilização, a saber, no Brasil culminou na alta do número de células neonazistas, que passou de 75 em 2015 para 1,117 em 2022, com 530 núcleos que abrangem mais de 10 mil pessoas (BECHARA, 2022). O crescimento vertiginoso se deu com o incentivo da política de ódio a divergentes, praticada pelo bolsonarismo. O destaque é evidente quando se nota que, de 2019 a 2022, no mandato do ex-presidente, a Central de Denúncias de Crimes Cibernéticos da plataforma Safernet Brasil apurou mais de 25 mil chamadas de apologia ao nazifascismo só nas redes sociais.

Nazifascismo e liberdade de expressão acabam, assim, como temáticas correlatas de se refletir na contemporaneidade porque a própria democratização das redes sociais gerou resultados psicossociais controversos (DUNKER, 2023). Indicativo do afirmado foi revelado por levantamento do Grupo Atlas, que na semana seguinte à intentona golpista de 8 de janeiro de 2023 apontou estarem 25% dos brasileiros a favor ou indiferentes aos ataques da extrema direita aos Três Poderes em Brasília (POLO, 2023). Do total de respondentes, não mais que metade atribuía alguma responsabilidade direta ou indireta a Bolsonaro pelo levante.

Inclusive, dentro de grupos de *whatsapp* e *telegram* das polícias militar, civil e federal de diferentes Estados brasileiros se notavam ambientes de difusão de *fake news* por mensagens de teor ressentido e frustração, em face ao golpe malsucedido (ALVES, 2023). Foram registradas desinformações de que pessoas presas por atos golpistas em Brasília estariam sendo maltratadas, além de postagens criminosas anunciando censura para quem criticasse Lula e o PT. Representavam, em suma, mentiras em alto grau sobre malas de dinheiro que o presidente, já em seu terceiro mandato, teria depositado no Banco do Vaticano, assim como um incontável número de factoides e *memes* afirmando que o ministro da Justiça, Flávio Dino, iria desarmar por completo e compulsoriamente as polícias (ID., op. cit.).

### **Comunicação de submundo enquanto ação para instabilidade democrática, tentativa do golpe e tutela militar da sociedade**

As falas agnotológicas de Bolsonaro e suas repercussões nas redes sociais concorreram para o espalhamento do germe de pulsão de morte que dominou o cenário sociopolítico brasileiro de 2019 a 2022 e em grande medida se faz presente na atualidade. Elas deram-se com virulência a partir de processos da Operação Lava Jato (hoje comprovadamente suspeitos) e exatamente por conta de informações transmitidas pela comunicação de submundo (GOES, 2021). Porém, a população só soube disso já com a soltura de Lula e a vitória do petista em mais de 26 processos/inquéritos, seis anos e meio após o começo do lavajatismo. Esses dados foram tornados públicos a partir de vazamento cibernético de nível nacional (CARVALHO; MONTEIRO, 2021).

No fim do segundo semestre de 2019 firmou-se de domínio livre a informação de que foram criados grupos de *whatsapp* e *telegram* para promotores e juízes combinarem atos inerentes a processos da Lava Jato, o que é ilegal segundo decisão do Supremo Tribunal Federal (ID., op. cit.). Anos antes, cabe destacar, a sociedade assistia estarecida às Jornadas de Junho de 2013,

<sup>4</sup> A detenção de Lula foi em 07/04/2018. O ex-presidente se entregou à Polícia Federal em São Paulo. Em 08/11/ 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou a soltura do petista.

articuladas por meio de redes sociais e incentivadas pela própria comunicação de submundo. As manifestações serviram para sustentar o lavajatismo e desacreditar o governo Dilma Rousseff.

As Jornadas de Junho deram prova de que plataformas midiáticas seriam inequívocos meios de difusão da extrema direita no Brasil. E a campanha de Bolsonaro à presidência em 2018 tomou como base a eficácia das redes sociais desde as Jornadas de 2013, tendo em vista cimentar a relação do bolsonarismo com a sociedade (RENNÓ, 2022, 2020). Existiu, decerto, tentativa de fazer da política do ódio um *modus operandi* (CESARINO, 2022). Para a extrema direita, a intenção era e continua a ser a criação de senso de identidade e pertencimento a grupo cujas convicções são decantadas como justas. Até o não dito serve de incentivo como silêncio simbólico a verdades interessadas. Essa é a comunicação de submundo no Brasil, com características semelhantes às de outro movimento inspirado em teorias conspiratórias, o QAnon, dos EUA, que igualmente nega a justiça social e empareda a nação estadunidense.

A partir da comunicação de submundo se forçam impedimentos à agenda do povo, da classe trabalhadora. São impedimentos que surgem ao tempo em que o bolsonarismo se utiliza dessa comunicação para assumir a luta contra a corrupção política e os poderes públicos constituídos, em contraposição à presumida disciplina das Polícias e Forças Armadas, bem como da retidão evangélica (PINHEIRO-MACHADO; FREIXO, 2019). Isso tem sido possível porque é assim que se permitem conexões globais da extrema direita brasileira com redes mundiais do nazifascismo. Além de *whatsapp*, *telegram*, *discord* e *facebook*, neste momento em que refletimos sobre o problema *instagram* (*x*), *twitter*, *tiktok*, *youtube* e *google* também servem como canais para fins questionáveis.

O modelo comunicacional defensor de instabilidade democrática, golpista e provocador de tutela militar da sociedade merece ser confrontado a partir de ações conjuntas de regulamentação e *fact-checking*, mediante sistemas potentes e conectados. É preciso unir Executivo, Legislativo e Judiciário, escolas e universidades públicas e privadas, associações sindicais, de bairros e organizações comunitárias, além de institutos de pesquisa e núcleos de divulgação de C&T, para a participação efetiva da sociedade organizada, de modo que force *big techs* a embarreirar desinformação, contrainformação, rumores e boatos. É preciso um modelo de democracia representativa para combater *fake news* criadas por interesses de classe e movimentadas por fins materiais, mantidos como hábito discutível entre agrupamentos midiáticos majorados por cadeias de reforço e recompensa.

É objetivo de ações de regulamentação e *fact-checking*, também, fazer cumprir a lei de programação sociocultural (nº 12.343, de 02/12/2010) para Estados e municípios da federação, com validade a empresas com concessão pública. No Art. 1º, a lei aprova o Plano Nacional de Cultura via o § 3º do art. 215 da Constituição Federal. O plano trata de diversidade cultural, respeito a direitos humanos, acesso à arte e cultura, direito à informação, comunicação e crítica aberta, direito à memória, às tradições e à responsabilidade socioambiental. Conforme a lei, é responsabilidade de agentes públicos o estabelecimento de políticas culturais.

Todavia, braços da comunicação de submundo no Brasil desrespeitam sistematicamente o dispositivo jurídico nacional e normas agregadas, obstaculizando não só o Brasil, mas toda a América Latina, de crescer e avançar em políticas de educação, desenvolvimento e combate à fome. As sociedades do sul global possuem recursos materiais e intelectuais e não nutrem contencioso com outras nações. Porém, a comunicação de submundo age para embarreirar a socioeconomia popular e fomentar animosidades, impedindo que entre latinos ocorra idêntico plano de distribuição de renda observado na Ásia em 1980, 1990 e 2000.

## **Públicos propensos à cooptação pela comunicação de submundo**

A análise de conteúdo indicou que a comunicação de submundo, em termos gerais, é direcionada para funcionar orientada a três grandes perfis psicossociais de pessoas: as suscetíveis, as enérgicas e as fanáticas. Essas pessoas são atraídas ideologicamente a partir de movimentos de sedução que utilizam a trinca de estados emocionais: o trágico, o sinistro e o patético. Ou seja, a comunicação de submundo sabe a quem atingir, conhece as bolhas generativas que deseja potencializar e monta *fake news* narradoras de calamidades, atos antiéticos e comportamentos vergonhosos de adversários. Essa comunicação, de natureza contestável, tem por intenção criar sentidos comuns, identidades e pertencimentos que incentivem indivíduos e coletivos a terem convicções baseadas na plena aceitação de liderança e em altos princípios de autoridade (MILGRAM, 1963, 1974).

Nas redes sociais, o fato de públicos extremistas terem assumido efetivar sofrimentos e hostilidades a terceiros a partir de declarações do ex-presidente é justificado como missão a cumprir, ordem inabalável, autorização suprema. Assim, a comunicação de submundo toma para si o caráter de atividade que faz funcionar a máquina algorítmica do nazifascismo no Brasil. Até a década de 1990, antes da digitalização das mídias e do surgimento da comunicação de submundo, como tentamos conceituar, 3% da população do país se assumiam de extrema direita. O percentual aumentou a partir da crise na América Latina no fim dos anos 2000, após ciclo virtuoso de dez anos de crescimento, de 2003 a 2012.

Quando em 2013 e 2014 houve a volta da massificação de subempregos e desempregos, a baixa generalizada na renda de trabalhadores e a aceleração das desigualdades — fatores expoentes do governo Bolsonaro —, viu-se a explosão da clientela da comunicação de submundo. De 2015 a 2022, 33 milhões de pessoas foram empurradas para a extrema pobreza (indigência) e mais de 100 milhões estagnaram na pobreza crônica. O poder de compra nacional despencou. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostrou que em meados de 2022 havia 40% dos trabalhadores recebendo R\$ 253,95 per capita/mês, 50% ganhavam R\$ 1.530,96 per capita/mês e 10% lucravam R\$ 7.933,66 per capita/mês (GARCIA, 2022).

Os dados permitem que notemos o quanto a democratização das redes depende da compreensão sobre usos e responsabilidades que incidem na economia nacional, exatamente o que se deu nas declarações analisadas do ex-presidente. Essa conjuntura de empobrecimento nacional, portanto, situou o Brasil como um dos maiores campos experimentais do planeta para discursos nazifascistas, desembocando na ideia do personalismo e da derrocada do Estado enquanto ente social. Ou seja, a comunicação de submundo, a vilipendiar as massas, vende a ideia da liberdade de expressão como algo irrestrito e irreconciliável com o dever público do Estado Democrático de Direito (FERRAZ; CLAIR, 2022). E esse constructo só alimenta a miséria.

Exemplo do descrito está nas inúmeras falas oficiais de Bolsonaro, e apenas nas oficiais, entre 2021 e 2022, tal qual destaca a Revista Piauí. O veículo identifica que o ex-presidente insinuou fraude nas urnas em 35 das 87 *lives* de *youtube* feitas entre 1º de janeiro de 2021 e 8 de setembro de 2022. E em pelo menos 14 delas admitiu ações golpistas caso não se reelegesse (ARAÚJO, 2023). Então, bem antes do 8 de janeiro de 2023, já expunha com todas as letras a ameaça e cerceava o trabalho da imprensa. A violência contra profissionais de comunicação atingiu 430 casos em 2021 e 376 em 2022 em todo o país, segundo a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji). Jair Bolsonaro foi responsável diretamente por um terço dos ataques.

Esse cenário se formou porque o Brasil teve avanços após o fim da ditadura em termos de direitos humanos, além de melhorias no acesso a serviços básicos de educação e saúde, mas não observou com rigor graves desigualdades históricas por encadeamento hegemônico. Pensamos que uma das chaves para trilhar o rumo do enfrentamento a essas barreiras é o acesso público e gratuito à educação emancipadora e à informação responsável e popular. No entanto, nos últimos anos o que se viu foram inflexões nesse sentido. Até 2014, com a ex-presidenta Dilma Rousseff, o orçamento de custeio e investimento em universidades e institutos federais era de R\$ 21,2 bilhões/ano. Após as gestões Temer e Bolsonaro, o montante caiu a R\$ 9,7 bilhões em 2022. Então, como pensar em caminhar para um melhor entendimento acerca de liberdade de expressão sem o combate à comunicação de submundo e seus ativos agnotológicos? Eis o desafio.

Também supomos, a partir das análises, que há um desafio, enquanto nação, relacionado a um certo Brasil que se perdeu para sempre depois da tentativa de golpe em 08/01/2023 (DUNKER, 2023). Conjecturadas cordialidade, civilidade e ventura do brasileiro foram por terra. A verve alegórica que unia samba, feijoada e futebol, a qual tínhamos a celeridade de atribuir a nós mesmos, com sabor e orgulho, não pode mais ser repetida *ad nauseam*, simplesmente porque não existe. E talvez jamais tenha existido (ARAÚJO; CARVALHO, 2021). Quiçá fora invenção recorrente de frações conservadoras e ultraconservadoras da sociedade nacional, que representam pelo menos metade de toda a população.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bolsonarismo, evidentemente, não criou o racismo, a misoginia, a xenofobia e a homofobia, quatro preconceitos estruturantes da sociedade brasileira. A corrente ideológica extremista foi gestada a partir deles e sem dúvida os atualizou em nova chave sintomática, fiadora de condições necessárias para ser legitimada entre a população. De toda maneira, a aproximação de brasileiros a planos nazifascistas globais, defendidos por movimentos supremacistas, segue em firmes costuras porque vem sendo amparada financeiramente, como ocorreu via Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC, em inglês).

A CPAC é a maior instituição capitalizada da extrema direita do planeta. Foi fundada em 1974 nos Estados Unidos e se mantém ativa em pelo menos cinco continentes. Em 2019, sujeitos centrais do bolsonarismo, como os parlamentares Carlos, Flávio e Eduardo Bolsonaro, incentivaram a realização da primeira CPAC em território brasileiro. A segunda edição, em 2021, contou com figuras como o republicano Donald Trump Jr<sup>5</sup>, filho do ex-presidente, e Jason Miller, assessor de Trump e criador da rede social Gettr<sup>6</sup> (cf. NAÍSA, 2021; VENTURA, 2021; GAGLIONI, 2021; COUTINHO, 2021). O encontro foi voltado para além da base nazifascista. Miller reuniu-se em particular com o então presidente Jair Bolsonaro e seu filho, deputado federal Eduardo Bolsonaro, depois do evento, a fim de sustentar planos políticos mais alargados, direcionados ao Congresso brasileiro.

Esse movimento mundial atua como *think tank* de formação multidiretiva, apoiado em suas vertentes nacionais por Instituto Mises, Instituto Liberal e Instituto Millenium. A extrema direita brasileira pretende ter grande penetração popular pelo tônus da política de produção de ignorância, subproduto comercializado através da comunicação de submundo. Por essa

---

<sup>5</sup> A presença de Donald Trump Jr. ocorreu via videoconferência apenas porque a passagem do Furacão Katrina pelos EUA impediu sua viagem para o Brasil.

<sup>6</sup> A Gettr foi lançada em 4 de julho de 2021 e atualmente os brasileiros são o segundo maior público da rede.

comunicação, veiculam-se modos de pensar e agir com raízes em crenças de excepcionalismo racialista, impulsionadas pelo pânico moral como ferramenta de conquista e dominação.

Em paralelo, procedimentos da comunicação do submundo relacionam-se a pressupostos de governamentalidade algorítmica, tensionando efeitos no campo da biopolítica. O movimento ondulatório das perspectivas ultraconservadoras precipita a formulação de dispositivos de controle que potencializam a servidão voluntária. Trata-se, dentro da forma de procedimento da extrema direita, de uma biopolítica dos afetos, compreendida como experiência massiva de objetivação e subjetivação, além de veridicção, isto é, de ação por meio de jogos de verdades interessadas. São estatutos a partir dos quais a conduta da sociedade é regulada pela disseminação de ódio via comunicação de submundo, exercendo assim planos de afetação que geram fragmentações do comum.

Portanto, concluímos, segundo dados apresentados, que a cólera nas redes sociais no Brasil é fundamentada a partir de planos da comunicação de submundo financiados por densa estrutura internacional. São planos que se renovam segundo conveniência da extrema direita — ao sabor do cenário político-partidário nacional — representada no país por Jair Bolsonaro, que tende a aglutinar em sua figura pública intenções totalitárias e nazifascistas. No futuro, demais estudos precisam descrever com bases atualizadas a funcionalidade da comunicação de submundo, dada a mutabilidade de sua dinâmica.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: UFMG, 1995.
- ALBUQUERQUE, Renan; ANDRADE, Francisco; SANTOS, Isaiás. Formas narrativas do povo indígena Sateré-Mawé/AM - Brasil: um estudo sobre o livro sagrado 'Sehaypóri'. **Muiraquitã**, v. 10, p. 1-14, 2022
- ALBUQUERQUE, Renan; SAWAIA, Bader; BUSARELLO, Flávia; PURIN, Gláucia. A comunicação estratégica e histórica dos Sateré-Mawé/AM no enfrentamento à covid-19 na Amazônia Central. **Comunicação & Inovação**, v. 21, p. 99-115, 2020a.
- ALBUQUERQUE, Renan; LEÃO, Jeremias; STEINMETZ, Wilhelm Alexander; ORELLANA, Jesem. **Os desaparecidos da COVID-19 - Quarentenas Amazônicas Volume 6**. Alexa Cultural: Embu das Artes/SP, EDUA: Manaus/AM, 2020b.
- ALBUQUERQUE, Renan; OLIVEIRA, Giorgio. Dos relatórios provinciais à polifonia dos moradores do Quilombo de Santa Tereza do Matupiri-Andirá/AM, Norte do Brasil. **História & Perspectivas**, v. 31, p. 36-55, 2019.
- ALVES, Chico. **Grupos de PMs do DF difundem fake news e mensagens golpistas**. UOL - Coluna Chico Alves. Em 18/01/2023. In <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2023/01/18/grupos-de-pms-do-df-difundem-fake-news-e-mensagens-golpistas.htm>. Acessos em 18/01/2023.
- ARAÚJO, Mateus. **Bolsonaro 'avisou': da invasão ao Capitólio aos atos golpistas em Brasília**. Coluna Sociedade – TAB UOL. Em 10/01/2023. <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/01/10/em-tom-de-ameaca-bolsonaro-previa-ataque-golpista-a-brasilia-desde-2021.htm>. Acessos em 04/03/2023.
- ARAÚJO, Maria do Socorro; CARVALHO, Alba. Autoritarismo no Brasil do presente: bolsonarismo nos circuitos do ultraliberalismo, militarismo e reacionarismo. **Revista Katálysis**, v. 24(1), p. 146-156, jan. 2021.

BAIRON, Sérgio; ALBUQUERQUE, Renan; GARRIDO, Fabiano; VASQUEZ, Roberto. **Coalizão Democrática: as eleições de 2022 e a garantia das instituições**. São Paulo: Alexa Cultural, Manaus: EDUA, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. L. de A. Rego & A. Edições 70. 2006 (Obra original publicada em 1977).

BARRETO FILHO, Herculano e BORGES, Stella. **Quem são as pessoas e as empresas suspeitas de financiar atos golpistas**. UOL/SP, em 17/11/2022. In <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/17/quem-sao-as-pessoas-e-empresas-suspeitas-de-financiar-atos-golpistas.htm>. Acessos em 03/03/2023.

BECHARA, Victoria. **Quatro fatores que explicam o avanço do neonazismo no Brasil**. Veja. Em 28/11/2022. In <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/quatro-fatores-que-explicam-o-avanco-do-neonazismo-no-brasil/>. Acessos em 03/03/2023.

BISHIR, John e DREWES, Donald. **Mathematics in the behavioral and social sciences**. New York, Harcourt/Brace, 1970.

BLACK, Max. **Modelos y metáforas**. Madrid: Tecnos, 1966.

BLUMER, Herbert. A massa, o público e a opinião pública. In COHN, Gabriel (org.) **Comunicação e Indústria Cultural**. S. Paulo: Companhia Editora Nacional [texto de Blumer original de 1946], 1978.

BORGES, Roseane. **A pós-verdade e a miséria do jornalismo contemporâneo**. Carta Capital, 8/02/2017. <https://www.cartacapital.com.br/opinia0/a-pos-verdade-e-a-miseria-do-jornalismo-contemporaneo>.

BRASIL, Plantão. **Depoimento de ministro Alexandre de Moraes**. Em 07/04/2023. Endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=xkEf9-UYsA4>. Acessos em 07 de abril de 2023.

BRASIL, Gabriel. Como a politização do Banco Central mexe com o seu bolso. **Intercept Brasil** (22/08/2023). In <https://www.intercept.com.br/2023/08/22/como-a-politizacao-do-banco-central-mexe-com-o-seu-bolso/>. Acessos em 06 de dezembro de 2023.

CARTA CAPITAL. **Empresários que financiam atos golpistas doaram R\$ 1,3 milhão a Bolsonaro**. Carta Capital, 18/11/2022. In <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/empresarios-que-financiam-atos-golpistas-doaram-r-13-milhao-a-bolsonaro-revela-site/>. Acessos em 03/03/2023.

CARVALHO, Joaquim de; MONTEIRO, Thiago. **Delgatti, o hacker que mudou a história do Brasil**. Grupo Prerrô. Em 11/04/2021. In <https://www.prerro.com.br/delgatti-o-hacker-que-mudou-a-historia-do-brasil>. Acessos em 03 de março de 2023.

CESARINO, Letícia. Bolsonarismo sem Bolsonaro? Públicos antiestruturais na nova fronteira cibernética. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, (82), p. 162-188, maio 2022.

CHADE, Jamil. **Tentativa de golpe no Brasil foi mais organizada que nos EUA, diz Chomsky**. UOL - COLUNA. Em 08/02/2023. In <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/02/08/tentativa-de-golpe-no-brasil-foi-mais-organizada-que-nos-eua-diz-chomsky.htm>. Acessos em 10 de março de 2023.

CHOMSKY, Noam. **Mídia: Propaganda, política e manipulação**. WMF Martins Fontes; 1ª edição, 2013.

COUTINHO, Dimitria. **GETTR: rede social dos bolsonaristas fere leis brasileiras de proteção de dados**. Tecnologia. IG. 16 de agosto de 2021. <https://tecnologia.ig.com.br/2021-08-16/gettr-leis-protacao-de-dados.html>. Acessos em 22 de maio de 2023.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Lisboa: Mobilis in Mobile; 1991.

DORIA, Pedro. **Fascismo à Brasileira**. Editoria: Planeta, 2020.

DUNKER, Christian. **Série ‘Ruptura’ ajuda a explicar a mente dos vândalos que atacaram Brasília**. Blog do Dunker – UOL. Em 24/01/2023. In <https://www.uol.com.br/tilt/colunas/blog-do-dunker/2023/01/24/serie-ruptura-ataque-terrorista-brasilia-8-de-janeiro-de-2023-psicanalise.htm>. Acessos em 03/04/2023.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018.

EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. 3. ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

ERK, Katrin. Representing words as regions in vector space. **Proceedings of CoNLL**, Boulder, CO: Association for Computational Linguistics. 2009.

ERK, Katrin. What is word meaning, really? (and how can distributional models help us describe it?). **Proceedings of the Workshop on Geometrical Models of Natural Language Semantics**, 17–26. Uppsala, Sweden: Association for Computational Linguistics. 2010.

ERK, Katrin. Sim, há uma distância entre as palavras. **Imaginarário Puro**. Entrevista a Márcio Simões. In: <https://imaginariopuro.wordpress.com/2017/03/17/sim-ha-uma-distancia-entre-as-palavras/>. Acessos em 05 de dez de 2023.

ESPÓSITO, Roberto. **Comunidad, Inmunidad y Biopolítica**. Barcelona: Herder, 2009.

FANJUL, Sérgio. **Teorias conspiratórias do QAnon varrem o mundo e são mais perigosas do que parecem**. El País. Em 12/01/2021. In <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-01-12/teorias-conspiratorias-do-qanon-varrem-o-mundo-e-sao-mais-perigosa-do-que-parecem.html>. Acessos em 29 de janeiro de 2023.

FERRAZ, Maria Cristina; CLAIR, Ericson. Políticas da assombração: o populismo bolsonarista como produção de inquietantes duplos. **Galáxia (São Paulo)**, v. 47, n. 47, p. e57538, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GARCIA, Maria Fernanda. **Brasil: 10% mais ricos ganham 31 vezes o salário dos mais pobres nas regiões metropolitanas**. Observatório do Terceiro Setor. Observatório das Metrôpoles, Laboratório PUCRS-Data Social e Rede de Observatórios da Dívida Social na América Latina (RedODSAL). In <https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-10-mais-ricos-ganham-31-vezes-o-salario-dos-mais-pobres-nas-regioes-metropolitanas/#:~:text=40%25%20mais%20pobres%3A%20R%24,%3A%20R%24%201-.644%20per%20capita>. Acessos em 10 de maio de 2023.

GAGLIONI, Cesar. **O que é a Gettr, rede social no radar do TSE e da Polícia Federal**. Nexo Jornal. 8 de setembro de 2021. <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/09/08/O-que-%C3%A9-a-Gettr-rede-social-no-radar-do-TSE-e-da-Pol%C3%ADcia-Federal>. Acessos em 22/05/2023.

GOES, Severino. **Moro é suspeito para julgar Lula, decide Supremo Tribunal Federal por 7 votos a 4**. Conjur. 23/06/2021. In [https://www.conjur.com.br/2021-jun-23/moro-suspeito-julgar-lula-decide-stf-votos?utm\\_source=dlvr.it&utm\\_medium=twitter](https://www.conjur.com.br/2021-jun-23/moro-suspeito-julgar-lula-decide-stf-votos?utm_source=dlvr.it&utm_medium=twitter). Acessos em 18/01/2023.

LIMA, Leanderson. **PF fecha cerco a financiadores de garimpo na TI Yanomami**. Amazonia Real. Em 14/02/2023. In <https://amazoniareal.com.br/financiadores-do-garimpo/>. Acessos em 10 de março de 2023.

LÍSIAS, Ricardo. **Diário da catástrofe brasileira – Ano I, o inimaginável foi eleito**. Editora Record, 2020.

MAGALHÃES, Ana; JUNQUEIRA, Diego. **Esquema de ouro ilegal Yanomami envolve empresas milionárias acusadas de lavagem de recursos no Pará**. Repórter Brasil. Em 03/02/23. In <https://reporterbrasil.org.br/2023/02/esquema-de-ouro-ilegal-yanomami-envolve-empresas-milionarias-acusadas-de-lavagem-de-recursos-no-para/>. Acessos em 10 de março de 2023.

MATOS, Caio. **Para 76% da população, Lula acerta ao forçar queda dos juros, aponta Quest**. UOL. Em 15/02/2023. In <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/para-76-da-populacao-lula-acerta-ao-forcar-queda-dos-juros-aponta-quaest/>. Acessos em 10 de março de 2023.

MBEMBE, Achile. **Necropolítica**. São Paulo: N-1, 2018.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. Companhia das Letras, 2020.

MORAES, Alexandre. **Canal Plantão Brasil**, em 08/04/2023, endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=xkEf9-UYsA4>. Acessos em 08 de abril de 2023.

MOTORYN, Paulo. **Mineração artesanal: decreto de Bolsonaro estimula garimpo na Amazônia para atender empresários**. Brasil de Fato. Em 14/02/2022. In <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/14/mineracao-artesanal-decreto-de-bolsonaro-estimula-garimpo-na-amazonia-para-atender-empresarios>. Acessos em 10/03/2023.

NAÍSA, Letícia. **Saiba mais sobre a Gettr, rede social que deu o que falar esta semana**. Portal UOL. <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/09/09/saiba-mais-sobre-a-gettr-rede-social-que-deu-o-que-falar-esta-semana.htm?cmpid>. Acessos em 22 de maio de 2023.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de. **Brasil em transe: nova direita e desdemocratização**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

POLO, Érica. **Pesquisa mostra que 76% discordam de ataques de bolsonaristas radicais**. Valor, 10/01/2023. <https://valor.globo.com/politica/noticia/2023/01/10/pesquisa-mostra-que-76percent-discordam-de-ataques-de-bolsonaristas-radicaais.ghtml>. Acessos em 10 de março de 2023.

PRAZERES, Leandro. **As lideranças ligadas ao garimpo na Amazônia que vão tentar vaga no Congresso na eleição de outubro**. BBC News Brasil. (30/05/2022). In <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61601585>. Acessos em 10/03/23.

RENNÓ, Lúcio. Bolsonarismo e as eleições de 2022. **Estudos Avançados**, v. 36, n. 36(106), p. 147–163, set. 2022.

RENNÓ, Lúcio. The Bolsonaro Voter: Issue Positions and Vote Choice in the 2018 Brazilian Presidential Elections. **Latin American Politics and Society**, v. 62 (4), 1-23, 2020. <https://doi.org/10.1017/lap.2020.13>. <https://doi.org/10.1017/lap.2020.13>.

RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é nazismo**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SADER, Emir; ALBUQUERQUE, Renan; SANTANA, Silvio; HOGEMANN, Edna; PETRY, Luís Carlos. **Coalizão Democrática Vol. 2: O Bolsonarismo Pós-2022 e A Grande Tarefa de Reconstrução da Democracia**. 1. ed. Manaus/AM e Embu das Artes/SP: Edua e Alexa Cultural, 2023, v. 2, 84 p.

SILVA, Roberto; CARVALHO, Jaciara. Algoritmos e Fake News. **e-Curriculum**, v. 20 (4), 1826-1847, 10/22. Acessos em 10 de abril de 2023. Epub 30-Jan-2023. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2022v20i4p1826-1847>.

SPINOZA, Baruch. **Obra Completa I: (Breve) tratado e outros escritos**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**. Trad. Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2018.

STEINMETZ, Wilhelm; ALBUQUERQUE, Renan. Covid e covade: crenças agnotológicas sobre a covid-19 à luz da epidemiologia de ideias. **Research, Society and Development**, v. 11, p. e10311225349, 2022.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo; CASTIEL, Luis. As *fake news* e os sete pecados do capital: uma análise metafórica de vícios no contexto pandêmico da COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 38, n. 38(5), p. e00195421, 2022.

VENTURA, Giulia. **Gettr: como é a nova rede social que caiu no gosto da família Bolsonaro**. Metrôpoles. 10 de agosto de 2021. <https://www.metropoles.com/brasil/gettr-como-e-a-nova-rede-social-que-caiu-no-gosto-da-familia-bolsonaro>. Acessos em 22 de maio de 2023.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. **Science**, 2018; 359:1146-51.